Um silêncio ensurdecedor[1]

Cláudio Laks Eizirik[2]

RESUMO: O autor apresenta um olhar psicanalítico sobre os temas gêmeos da escravidão e do racismo. Considera que a escravidão e o racismo brasileiros constituem o grande tema negligenciado, o grande escândalo, a grande omissão, o ensurdecedor silêncio de nossa história e de nossa formação como cultura e nação. Discute a série de artigos publicados no *Observatório Psicanalítico* da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) sob o tema "Vidas negras importam", apontando a importância e emergência do tema para a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: racismo, escravidão, *Observatório Psicanalítico*

1. Este trabalho foi originalmente apresentado no (Pré) 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, em 20 de novembro de 2020, organizado pela Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) e Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP).

2. Médico. Doutor em ciências médicas. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professor emérito de psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ex-presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal).

Agradeço à Wania Cidade e à diretoria da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) pelo convite para participar do (Pré) 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa. Tenho muito boas lembranças do primeiro, o único de que pude participar. E desde logo, apesar de nossas inevitáveis diferenças, quero lembrar aquilo que nos une, tal como disse Fernando Pessoa (1997/2006) como Bernardo Soares: a nossa pátria é a língua portuguesa.

Num comentário no *Observatório Psicanalítico* da Febrapsi, destaquei que a inusitada série de ensaios sobre o tema "Vidas negras importam" revela que

> a escravidão e o racismo brasileiro constituem o grande tema negligenciado, o grande escândalo, a grande omissão, o ensurdecedor silêncio de nossa história e de nossa formação como cultura e nação. Enquanto isso não for enfrentado..., continuaremos a ser este triste e vergonhoso país.[3]

Um olhar psicanalítico sobre os temas gêmeos da escravidão e do racismo e de todas as formas de discriminação e preconceito nos leva inevitavelmente ao trabalho clássico de Freud (1919/1996) sobre o estranho, o outro, o não familiar, o temido e o desconhecido. Com sua habitual perspicácia, Freud demonstra que o outro (que pode ser o adversário, o inimigo, o desconhecido) nada mais é do que algo de nós mesmos, algum aspecto, alguma experiência, em suma, algo que um dia nos foi familiar, a seguir foi submetido à repressão e, quando retorna à consciência, o faz de forma distorcida, transformado no estranho, no não familiar. Essas duas palavras, *heimlich-unheimlich*, familiar-não familiar, têm muito mais em comum do que a presença ou a ausência de um prefixo. Na linguagem do inconsciente, como se verifica nos sonhos, no que Freud denominou reino do ilógico, os opostos não precisam ser separados, mas podem ser tratados como idênticos, de maneira que num sonho manifesto cada elemento pode significar também o seu contrário. Alguns linguistas, aliás, haviam notado que o mesmo sucedia nos idiomas mais antigos, e que opostos como forte-fraco e claro-escuro eram originalmente expressos com as mesmas raízes, até que duas diferentes modificações do termo primitivo diferenciaram os dois sentidos. Resíduos do duplo significado, destaca ainda Freud, estariam presentes num idioma tão desenvolvido como o latim, no uso de palavras como *sacer* (que pode significar sagrado e infame), ou *altus* (que pode ser alto e profundo). Ou seja, o estranho temido é algo que já foi familiar e voltou como que para assombrar a pessoa. Sabemos muito bem que o que assombra as crianças, e também os adultos, pode ser algo que vive profundamente em seu inconsciente e é projetado para fora de si e para dentro de uma pessoa, situação ou local.

Ora, na mente racista está justamente a negação de aspectos que a pessoa detesta ou rejeita em si e a projeção desses aspectos para dentro de outro grupo de pessoas, que passam a representar o que há de ruim, inferior, desprezível.

O psicanalista africano Fakhry Davids (2011, 2020), a partir de sua experiência clínica e da observação da situação social contemporânea, desenvolveu o conceito

3. Ver "Editorial" (2020, pará. 8).

de racismo interno, que se refere a uma estrutura da mente que media nossa relação com os membros de um grupo externo. Nessa relação entre o *self*, ou si mesmo, e o que ele chama de outro étnico/racial, está embutido um sistema defensivo persecutório, tipo nós versus eles, que governa nossa relação com eles. Segundo Davids, trata-se de uma organização defensiva, um sistema de fantasias que tem vida própria e leva o indivíduo a sentir ansiedade, encaminhando-o para a única solução possível, o racismo interno, baseado na paranoia. Com isso, essas pessoas se relacionam com o outro racial de forma paranoide. Aspectos indesejados de si mesmo são projetados para dentro desse outro, o que era familiar se torna não familiar, estranho, como já destaquei. As crenças assim desenvolvidas são, em sua essência, racistas, o que pode ser difícil de aceitar, pois os mais ardentes racistas sempre apresentam outras razões, aparentemente lógicas, para as posições que adotam. Assim, existem defesas inconscientes poderosas contra o reconhecimento de nosso racismo, e é aí que Davids descreve esse sistema organizado interno. Sem a possibilidade de obter algum insight ou aceitar o teste da realidade, o perigo é de que o outro racial permaneça no papel inconsciente de uma pessoa má. Segundo o autor, a existência dessa "organização racista, principalmente inconsciente, em todos nós" poderia nos levar à "paralisia psíquica ao lidar com comportamentos raciais abusivos em outros" e muitas vezes ao silêncio a respeito dos inúmeros crimes cometidos contra a população negra (Davids, citado por Castro, 2020, pará. 6). Estamos, hoje, sob o impacto do criminoso assassinato de João Alberto Silveira Freitas, em Porto Alegre.[4]

Assim, há mais semelhança e menos diferença do que se pode querer pensar se comparamos um negro com um branco com um asiático e assim por diante.

E, no entanto, o que a realidade nos mostra é a presença de um racismo estrutural em nosso país.

Por que há um silêncio ensurdecedor no Brasil sobre a escravidão e o racismo? Ou será que não há? Quantos museus sobre a escravidão temos no Brasil? Que papel e espaço têm a escravidão e o racismo em nossos currículos escolares? Por que os negros assassinados ultrapassam os brancos em 132%? E assim por diante...

Tal silêncio tem sido quebrado por inúmeras vozes, negras e brancas, através de livros, ações, movimentos, reflexões, como as de Frantz Fanon (1952/2008) e Achille Mbembe (2011/2018, 2013/2018), e justamente hoje vivemos, como ato de reflexão e de resistência, o Dia da Consciência Negra.

A psicanálise encontra-se entre as áreas em que este problema tem sido abordado e submetido a reflexão, como neste (Pré) 5º Congresso de Psicanálise em Língua Portuguesa, como nos quatro anteriores. Na semana passada, tivemos em Porto Alegre o I Simpósio Integrado SPPA/SBPdePA[5] sobre "A psicanálise e

4. João Freitas foi assassinado em 19 de novembro de 2020, um dia antes do Congresso em que este trabalho foi apresentado.

5. Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

a educação cara a cara com o racismo estrutural". E a Febrapsi tem patrocinado inúmeras discussões sobre o tema, assim como a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) acaba de instaurar um grupo de trabalho reunindo vários comitês para refletir sobre o preconceito e o racismo, retomando uma iniciativa que já havia sido muito produtiva entre 2005 e 2009. Wania Cidade e Jorge Kantor chamam atenção, no que se refere à clínica psicanalítica, para a importância de criar espaços para pensarmos em nossa inserção no mundo e na inserção das pessoas que nos procuram e suas circunstâncias de vida. Se algo que marca e constitui o paciente é negado pelo analista, se este não pode se identificar com a dor do racismo e sequer a reconhece, temos aí um problema.

Em 1960, a convite de Jorge Amado, Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir visitaram o Brasil e, entre inúmeras conferências, houve uma no Rio de Janeiro, na então chamada Universidade do Brasil, em que o filósofo permaneceu algum tempo em silêncio, contemplando a plateia exclusivamente branca, e afinal lançou a pergunta que ainda hoje ecoa: "Onde estão os negros?"

Penso que o racismo amplamente presente em nosso dia a dia (os exemplos são quase infinitos), desde suas formas verbais, através de piadas, risos, ironias, até a violência e o assassinato puro e simples – uma pessoa negra a cada 23 minutos, segundo a Organização das Nações Unidas (Marques, 2017) –, configura um problema gravíssimo, que recém está sendo enfrentado, mas cuja real dimensão talvez nos aterrorize.

Onde estão as marcas da escravidão no Brasil? Estão, em primeiro lugar, nos corpos negros, nas mentes negras, nas travessias transgeracionais de corpos e almas; mas há poucos, raros locais em que essa infâmia possa ser lembrada e usada como exemplo do que não deve ser feito, como em tantos outros países se pode visitar e reviver. Mas estão também nos corpos e mentes brancas, e de todas as cores, porque a escravidão é uma ferida que ficou marcada a ferro e fogo no inconsciente coletivo brasileiro. Muito do que nos agrilhoa, do que nos aprisiona a um sistema político corrupto, do que nos aferrolha a uma desigualdade em todos os níveis parece estar vinculado aos 300 anos de opressão, crueldade e morte que caracterizaram a escravidão, um gigantesco trauma individual e coletivo ainda à espera de uma mais genuína e corajosa elaboração e transformação.

Pensar esses acontecimentos e a emergência de discuti-los sob o olhar psicanalítico levaram o *Observatório Psicanalítico* da Febrapsi a apresentar a série de artigos sob o tema "Vidas negras importam", em junho e julho de 2020. Trata-se de um formato inédito em suas publicações, justificado pelo reconhecimento de uma dívida que os anos de escravidão nos deixam, especialmente quando reproduzimos nosso racismo que, por ser estrutural, é, na maioria das vezes, negligenciado.

Vou tentar destacar alguns dos inúmeros aspectos que foram desenvolvidos por diversos psicanalistas brasileiros:

Ignácio Paim Filho (2020) inaugura a série com sua denúncia e testemunho sobre quão pouco – ou quase nada – importam nossas vidas negras, num "racismo

à brasileira" que se infiltra em nosso país há mais de 500 anos, "engendrado pelo homem branco europeu, que fez da cor da pele do africano o desígnio de seu destino de inferioridade, a fim de justificar o injustificável: sua escravidão, com requintes de crueldade" (pará. 5). Traz nosso mito fundador e o quanto a lógica fascista da horda selvagem está presente neste "Brasil para os brasileiros brancos, com suas crenças eurocentristas e colonizadoras" (pará. 9).

Lina Schachter Castro (2020) relata como, atravessada por sua branquitude e sua experiência com pacientes negros na Filadélfia (EUA), confrontou-se com a realidade do racismo em nosso país: "a harmonia entre raças ... é um mito social. ... nossa história é repleta de omissões que, claro, servem a alguém" (pará. 3). Lembra-nos da queima de todos os arquivos referentes à escravidão, a mando de Rui Barbosa, o que nos "retirou a oportunidade que poderíamos ter, enquanto sociedade, de reconhecer a carga violenta que o nosso país carrega, inviabilizando críticas, confrontos e, o mais importante, reparações" (pará. 4).

Beth Mori e Cláudia Carneiro (2020) examinam a dupla opressão historicamente sofrida pelas mulheres negras, atravessadas ao mesmo tempo pelo racismo e pelo machismo estruturais que as impedem de ser reconhecidas como sujeitos: não são brancas, nem homens. Defendem a ideia de um inconsciente marcado pela "cor da pele negra ... como uma forte impressão psíquica, traumática" (pará. 2), uma vivência que pode ser representada por um verdadeiro "apartheid psíquico", conforme citação da psicanalista negra Isildinha Baptista Nogueira. Lembram como Simone de Beauvoir, Grada Kilomba e Djamila Ribeiro apontam essa cadeia que coloca a mulher negra neste "lugar de outro do sujeito", e convidam a pensar o significado do "corpo negro da mulher no sistema simbólico da cultura" (pará. 3). Assim, mostram a enorme desigualdade sofrida pela mulher negra em relação à branca, desde os índices da sua renda mensal àqueles que retratam o feminicídio ou a violência obstétrica. Acrescentam, ainda, a dificuldade da mulher negra em se fazer escutar num contexto eurocêntrico e branco como é o da origem da psicanálise. "O racismo produz sofrimento psíquico ... essa dor de quem vive na própria pele o preconceito é de ordem narcísica, vive um rasgo na própria alma" (pará. 5 e 9). É fundamental que a psicanálise possibilite a nomeação do sofrimento pelo sujeito, concluem, "levando em conta os fatores identitários que incluem a verdade de sua história, sua cultura, seu grupo e sua singularidade" (pará. 10).

Maria Elisa Alvarenga (2020) destaca que foi o encontro do branco com o negro, durante o período colonial, que fez o negro virar negro. Compartilha as ideias da escritora e artista Grada Kilomba, para quem o Eu da pessoa branca é medido e sustentado pela coisificação da pessoa negra; do psicanalista Jean-Bertrand Pontalis, para quem o racismo está relacionado à conturbada e angustiante experiência com o duplo, este que é meu semelhante e diferente de mim; e do antropólogo Kabengele Munanga, que descreve nosso racismo como a realização de um crime perfeito, pois, além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto

das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros. Sugere que é preciso enegrecer a nossa escuta, para podermos escutar o racismo e reconhecê-lo na voz de nossos pacientes.

Sonia Eva Tucherman (2020) traz, com "doído esforço" e coragem, o mergulho na mente do assassino racista, penetrando "no seu mundo subjetivo como requer a função analítica", perguntando-se, inspirada por Primo Levi: "É isto um Homem?" (pará. 4). É impressionante como ela desvela o terror na imagem da cena tão bem descrita e no que estaria pensando aquele policial que, no alto de sua arrogância e indiferença, ajoelhado de forma displicente sobre o pescoço de George Floyd, expressa todo o seu desprezo à vida negra. Samantha Nigri (citada em "Editorial", 2020) destaca que o texto de Sonia Eva coloca seu poder visceral em nos falar da

> brutalidade que queremos ignorar, que fomos ensinados a não enxergar... Um psicanalista pode até ter horror..., mas precisa olhar para o mal, visto que quando não se repara nos detalhes mais sórdidos dele, como ... nas mãos no bolso do assassino, corre o risco de fazer uma psicanálise desbotada e pior: contribuir para o aumento dos sofrimentos de quem por ela passa. (pará. 12)

Esses vários olhares, aqui sintetizados de forma fragmentária, evidenciam como é possível contribuir para uma análise do racismo, das marcas da escravidão e de seu efeito deletério sobre o tecido social, cultural e econômico da sociedade brasileira.

Mas um olhar vindo da literatura nos ajuda a ampliar esta perspectiva. Em seu precioso livro *Ponciá Vicêncio*, a grande escritora brasileira Conceição Evaristo (2003/2020) escreve:

> Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muita pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presentes de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela "Lei Áurea", os seus filhos, nascidos pelo "Ventre Livre", e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. (p. 30)

Onde estão os negros?

Ao contrário de em 1960, quando Sartre fez sua palestra no Rio de Janeiro, os negros estão cada vez mais presentes, não só por serem 52% de nossa população, mas porque ocupam cada vez mais espaços na sociedade brasileira, são cada vez mais visíveis nos espaços públicos e privados, cada vez mais conscientes de sua condição, de sua história, de sua presença decisiva para sermos uma nação, cada vez mais

apropriados de sua identidade e de seus direitos, cada vez mais ativos nos processos de subjetivação, reflexão, conscientização e ação.

Retomando a questão do estranho, da alteridade, do diferente que dentro de cada um de nós foi e inconscientemente continua sendo familiar, apesar de toda a força das diferentes expressões do racismo e da violência, apesar de todas as inegáveis diferenças, há inevitavelmente dentro de nós, queiramos ou não, uma branquitude e uma negritude que coexistem, convivem, combatem, se odeiam e se amam com uma intensidade que é difícil negar. Por essa razão, muitos de nós definimos, por exemplo, a psicanálise brasileira, assim como o povo brasileiro, como algo essencialmente mestiço. A nossa pátria comum, pois, além da língua portuguesa, é essa imensa comunidade de indígenas, brancos, negros, imigrantes e refugiados de inúmeras procedências, e essa peculiar forma de ser gente que, apesar dos tempos sombrios, continuaremos a construir e desfrutar. *Afinal, não viver é o que mais cansa*.

Un silencio ensordecedor

Resumen: El autor presenta una mirada psicoanalítica en los temas de la esclavitud y del racismo. Considera que la esclavitud y el racismo brasileños constituyen un tema fundamental que ha sido tratado de manera descuidada, siendo el gran escándalo de la omisión, el ensordecedor silencio de la historia y de la formación brasileñas como cultura y nación. Se discute una serie de artículos publicados en el *Observatório Psicanalítico* [Observatorio Psicoanalítico] de la Federación Brasileña de Psicoanálisis (Febrapsi) al respecto del tema "Las vidas negras son importantes", señalando la importancia y la emergencia que tiene el tema para el psicoanálisis.

Palabras clave: racismo, esclavitud, *Observatório Psicanalítico*

A deafening silence

Abstract: The author presents a psychoanalytic view on the twin themes of slavery and racism. He considers that Brazilian slavery and racism together constitute the great neglected theme, the great scandal and the great omission, as well as the deafening silence of our history and our formation as culture and nation. He discusses the series of articles published in the *Observatório Psicanalítico* [Psychoanalytic Observer] from the Federação Brasileira de Psicanálise [Brazilian Federation of Psychoanalysis] (Febrapsi) under the theme "Black lives matter", pointing out the importance and emergence of the theme for Psychoanalysis.

Keywords: racism, slavery, *Observatório Psicanálitico*

Referências

Alvarenga, M. E. (2020, 12 de junho). Vidas negras importam – III. *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/3tI5y5N

Castro, L. S. (2020, 8 de junho). Vidas negras importam – II. *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/395Rfyn

Davids, F. (2011). *Internal racism: a psychoanalytic approach to race and difference*. Red Globe Press.

Davids, F. (2020): Psychoanalysis and black lives. *The International Journal of Psychoanalysis*, *101*(5), 1039-1047. https://doi.org/10.1080/00207578.2020.1816471

Editorial. (2020, 6 de julho). *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/3C963J2

Evaristo, C. (2020). *Ponciá Vicêncio*. Pallas. (Trabalho original publicado em 2003)

Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas* (R. Silveira, Trad.). Edufba. (Trabalho original publicado em 1952)

Freud, S. (1996). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud: Vol. 17. Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917-1918)* (C. M. Oiticica & V. Ribeiro, Trads.; pp. 231-272). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Marques, M. (2017, 7 de novembro). "A cada 23 minutos, um jovem negro morre no Brasil", diz ONU ao lançar campanha contra violência. *G1*. https://glo.bo/394T4eP

Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra* (S. Nascimento, Trad.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2013)

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (S. Nascimento, Trad.; 3a ed.). n-1 edições. (Trabalho original publicado em 2011)

Mori, B., & Carneiro, C. (2020, 15 de junho). Vidas negras importam – IV. *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/3nyMxBU

Paim, I., Filho. (2020, 5 de junho). Ensaios sobre acontecimentos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo. *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/399NBU6

Pessoa, F. (2006). *Livro do desassossego* (R. Zenith, Org.). Companhia de Bolso. (Trabalho original publicado em 1997)

Tucherman, S. E. (2020, 30 de junho). Vidas negras importam – V. *Observatório Psicanalítico*. https://bit.ly/3EkfuaA

Cláudio Laks Eizirik
Endereço: Rua Marquês do Pombal, 783/307, Moinhos de Vento. Porto Alegre/RS.
CEP: 90540-001
Tel.: (51) 3224-4364
E-mail: cleizirik@gmail.com